

GRÜNER, Eduardo. *El fin de las pequeñas historias: de los estudios culturales al retorno (imposible) de lo trágico*. Buenos Aires: Paidós, 2002. 412 p.

*José Carlos Barcellos*

Essa obra, de autoria de Eduardo Grüner, professor da Universidade de Buenos Aires, é um ponto de referência indispensável para o debate contemporâneo nas áreas de filosofia, letras e ciências humanas, sobretudo tendo-se em conta as especificidades do momento histórico atual e, nele, do contexto acadêmico latino-americano. Muito mais que uma reflexão crítica acerca dos estudos culturais — o que também é —, trata-se de uma análise densa, complexa e muito bem fundamentada da situação política e cultural hodierna, que, ao mesmo tempo, tematiza com bastante clareza o lugar epistemológico e político a partir do qual se constrói. Por outras palavras, trata-se de uma obra profundamente consciente da tradição cultural em que se insere e dos compromissos éticos e políticos que assume como premissas irrenunciáveis do diálogo que se propõe estabelecer.

Essa postura já aparece com meridiana clareza desde o prólogo, cujas primeiras palavras vale a pena transcrever em sua formulação lapidar:

Ser, en ciertos y determinados aspectos, un estricto conservador: quizá ésta sea la única manera — una manera, hay que admitirlo, “defensiva” — de ser hoy lo que solía llamarse “de izquierda”. La barbarie civilizatoria tardocapitalista, se sabe, consiste fundamentalmente en el bombardeo vertiginoso de “novedades” que apuntan a desplazar la densidad histórica de los objetos, los sujetos, los acontecimientos, los procesos culturales (p. 33).

Esse trecho dá bem a medida da amplitude do projeto de Grüner e da postura crítica que assume: trata-se de levar a cabo uma minuciosa análise do contexto cultural sob o capitalismo tardio, submetendo a uma cerrada crítica muitas das formulações teóricas correntes na academia e no mercado midiático, que, de uma maneira ou de outra, constituem formas de colaboração ou, melhor dizendo, de capitulação do pensamento, diante do poder avassalador do mercado (unilateralmente) globalizado. Nesse sentido, criticam-se com vigor a apologia do “pensamento débil” e dos “fragmentos”, o multiculturalismo, certos desdobramentos da teoria pós-colonial e ainda o próprio conceito de globalização.

O eixo central do livro é a proposta de uma teoria crítica da cultura elaborada para os dias de hoje, mas que assuma positivamente o imenso legado do pensamento marxista do séc. XX — num amplo espectro, em que ocupam lugar de destaque Benjamin, Adorno, Lukács, Bakhtin, Sartre, Marcuse e Gramsci, entre outros —, sem abrir mão tampouco da imprescindível contribuição dos grandes clássicos do pensamento moderno, de Maquiavel a Marx, ou de Spinoza a Freud. Só assim se poderia fazer frente aos desafios apresentados pela voga

pós-estruturalista/ desconstrutivista, cuja recepção pelos estudos culturais, com suas discutíveis opções estéticas, resulta numa "mezcla (...) de oscurantismo y populismo que es al mismo tiempo demagógica y despolitizadora" (p. 60).

Na perspectiva de Grüner, trata-se sempre de recuperar a relação entre os fragmentos, em que o mundo atual, dito pós-moderno, parece se estilhaçar, e a totalidade, entendida, com Jameson, como "modo de produção". Ou seja, o que o autor busca, com grande competência e maestria, é restituir ao pensamento teórico a capacidade de submeter à crítica a cultura hegemônica — como conjunto articulado, coeso e coerente, em sua lógica de fragmentação e dominação —, evitando que a teoria mimetize, ela própria, as dispersões sócio-culturais e discursivas do capitalismo tardio. Em suas palavras, a desvalorização em abstrato da categoria de totalidade é "un síntoma de barbarie teórica e ideológica" (p. 79).

A crítica aos estudos culturais é trazida por Grüner, portanto, para o plano filosófico e político, e nisso diferencia-se da perspectiva explorada por outra excelente obra de autor argentino — Carlos Reynoso. *Apogeo y decadencia de los estudios culturales: una visión antropológica*. Barcelona: Gedisa, 2000, 335 p. —, que se atém preferencialmente a questões de epistemologia das ciências sociais. Para Grüner, o que está em jogo no debate é a condenação à irrelevância de toda a tradição cultural da modernidade ou ainda a rejeição e o desprezo em bloco pela história do pensamento ocidental, cujos momentos mais importantes e expressivos são por ele convocados, com segurança e brilho invulgares, na construção de seu texto.

Na primeira das três partes em que a obra se divide, o autor contrasta a perspectiva atomizadora e despolitizante dos estudos culturais com a necessidade premente — "el pensamiento está en estado de emergencia, porque el mundo está en estado de catástrofe" (p. 383) — de se retornar a uma teoria crítica da cultura, nos termos acima apontados. Semelhante renovação do pensamento crítico não pode passar por alto o caráter conflitivo das práticas simbólicas e estéticas, nem abrir mão de noções clássicas de análise sociocultural e histórica, tais como modo de produção, luta de classes, ideologia, inconsciente e totalidade. O desafio consiste precisamente em recuperá-las e adaptá-las de maneira produtiva à interpretação da situação atual.

Na segunda parte, Grüner submete a teoria pós-colonial a um estudo acurado e encarece a necessidade de vinculá-la a um núcleo mais "duro" de fatores históricos, econômicos, sociais e políticos. Para tanto, propõe uma articulação criativa entre a teoria pós-colonial (Edward Said, Homi Bhabha, Gayatri Spivak etc.) e a teoria do sistema-mundo (Immanuel Wallerstein, Samir Amin). Trata-se, basicamente, de superar a "tentação textualista" de certas versões da teoria pós-colonial, que implica amiúde "una despolitizadora desatención a los fenómenos del neocolonialismo *actual* en favor de las 'ficciones' producidas en una etapa anterior de colonialismo *formal*, ahora felizmente 'superado'" (p. 179, grifo do autor).

Na terceira parte, apresentam-se as bases para uma refundação do ser social e político, através da recuperação de três experiências fundantes da tradição ocidental, a saber, as experiências do trágico, do poético e do político. O retorno a essas experiências impõe-se pela profunda ambigüidade da situação contemporânea, em que "el máximo desarrollo económico-técnico del capitalismo se combina desigualmente con su máxima catástrofe social, moral y cultural" (p. 304). Por outras palavras, é mister recuperar os fundamentos da civilização ocidental para se poder confrontar a barbárie instalada à nossa volta.

Enfim, para Grüner, a renovação da teoria crítica da cultura é uma exigência ineludível da luta política contemporânea trazida para *dentro* do campo teórico, consoante a melhor tradição do pensamento marxista elaborado ao longo do séc. XX.

Um único senão a apontar: é incompreensível que um intelectual do porte de Eduardo Grüner, que se move com facilidade, inteligência e segurança em meio à mais sofisticada e exigente bibliografia, nela dê lugar à delirante leitura psicanalítica das *Confissões* de Santo Agostinho, publicada por León Rozitchner (*La cosa y la cruz: cristianismo y capitalismo*. Buenos Aires: Losada, 1997; 2 ed. 2001), acerca de cujas elucubrações tendenciosas e inconsistentes o mínimo que se pode dizer é que se constroem, com muita freqüência, sobre grosseiros erros de leitura do texto agostiniano.

Feita essa mínima ressalva, que de maneira nenhuma compromete o brilho do trabalho, cabe reafirmar que *El fin de las pequeñas historias* é uma obra de interlocução obrigatória para todos os que se dedicam aos estudos culturais ou aos estudos literários e é uma prova insofismável do quanto a universidade brasileira teria a ganhar se, ao invés de buscar com sofreguidão e ligeireza seguir a última moda de Paris ou de Nova York, voltasse sua atenção, com vagar e método, à rica produção acadêmica de nossos vizinhos da República Argentina.